



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

ALEX FERNANDES CAVALCANTE

TRANSEXUALIDADE, TRABALHO E TRÁFICO HUMANO EM ARAÇAGI

**GUARABIRA – PB
2017**

ALEX FERNANDES CAVALCANTE

TRANSEXUALIDADE, TRABALHO E TRÁFICO HUMANO EM ARAÇAGI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora, no curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduado em História.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Susel Oliveira da Rosa

GUARABIRA – PB
2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do Trabalho de Conclusão de Curso.

C377t Cavalcante, Alex Fernandes.
Transexualidade, trabalho e tráfico humano em Araçagi
[manuscrito] / Alex Fernandes Cavalcante. - 2017
27 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Susel Oliveira da Rosa,
Coordenação do Curso de História - CH."

1. Mulheres Trans. 2. Araçagi. 3. Tráfico Humano.

21. ed. CDD 306.77

ALEX FERNANDES CAVALCANTE


TRANSEXUALIDADE, TRABALHO E TRÁFICO HUMANO EM ARAÇAGI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora, no curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Graduado em História.

Área de concentração: História dos estudos culturais: etnia, crença, gênero e sexualidade.

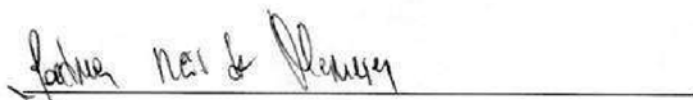
Aprovada em: 22/11/2017.

BANCA EXAMINADORA



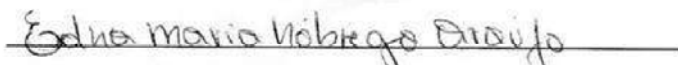
Prof.^a Dr.^a Susel Oliveira da Rosa (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Dr.^a Joedna Reis de Meneses (1^a Examinadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Dr.^a Edna Maria Nóbrega de Araújo (2^a Examinadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Para as travestis e mulheres trans de Araçagi.
À essas meninas, com carinho, DEDICO.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, Jesus, Brahma, Shiva, Odin, Zeus, Mnemosine, Clio, Cronos, Zeus, Oxalá, Rudá entre outros. Agradeço ao respeito, à diversidade, ao Amor.

Ao meu pai “Major”, por me incentivar a buscar saída na educação, mesmo ele tendo apenas o fundamental incompleto (ou até por isso mesmo). Seu amor, mesmo dado de forma “tronxa” as vezes, seu cuidado com o meu futuro, tudo isso foi trabalhado nestes quatro anos e meio de curso.

À minha mãe “Beta”, minha capela, que apoiou e incentivou ao máximo para que eu me dedicasse aos estudos, mesmo quando as dificuldades pediam que eu me entregasse mais ao trabalho informal. Seus carinhos, sua preocupação, sua doçura e leveza, qualidades que apenas um anjo poderia administrar com maestria.

Ao meu irmão Ahemenson, “Aelson” ou “Heminho”, o primeiro dentre os filhos e netos de Dona Lindalva e Seu Antônio Joaquin a se formar em um curso superior. Meu orgulho e meu incentivo, fazendo o que podia para que eu trabalhasse menos e me sobrasse mais fôlego para a universidade. O cientista (da computação) da família.

À professora Susel, por ser essa pessoa maravilhosa, encanto no Campus III. Pelos abraços e sorrisos, pelas leituras sugeridas, pela dedicação e por acreditar em meu trabalho.

Aos professores do Curso de Licenciatura em História, Campus III da UEPB. Ótimos profissionais que me auxiliaram na formação acadêmica e humana. Desde aqueles que compreenderam minha timidez na sala de aula à aquela que insinuou algumas vezes que meus trabalhos não eram de minha autoria. Muito obrigado!

A Lailton Cordulino, que me fez sorrir várias vezes, me deixou roxo com sua força bruta algumas vezes, mas que possui um coração enorme sempre. A sua parceria foi importantíssima na minha graduação.

À Nathy Souza, minha afilhada. Agradeço por partilhar sua vida comigo, suas dúvidas, alegrias e medos. Obrigado pelo seu apoio naquilo em que acredito. Por emprestar aquela saia longa para eu usar no ato político. Minha filha! Amo sua molecagem, sua descontração e sua alegria estampada nesse sorriso lindo!

A Idalina Arley, minha V.Idha. Você que foi meu apoio em tantos momentos! Você que me apoiou nos primeiros anos da graduação, lado a lado, cursando comigo. Que mesmo diante das voltas que o mundo dá, permanece torcendo por mim. Meu milagre! Eu amo você!

A Mikaella Bugmann, por todo seu encanto, por me permitir se aproximar de ti e por sermos bons amigos hoje. A menina doce que conheci e que permitiu que este artigo fosse gerado e concluído.

À Djanira Meneses, minha “Djativa”. Mulher pela qual sou encantado, que me deu oportunidade de expressar minha arte cênica nos blocos do Campus III. A moleca cheia de vida, que entre algodão-doce e balões fez meu mundo mais colorido. Eu te amo!

À Annyeli Lima. Agradeço por sua amizade, desde o primeiro ano do curso até aqui. Você que trabalhou com o tema da transexualidade e teve contato com o mundo LGBT antes de mim, que me incentivou e disponibilizou suas bibliografias sobre o tema. Que mulher incrível! Historiadora e futura psicóloga fantástica!

À Priscila Oliveira. A mulher incrível que claramente vemos lecionando no ensino superior futuramente. Capacitada e empenhada! Obrigado pelo seu gesto de carinho quando disponibilizou do seu tempo para se debruçar sobre este artigo. Agradeço por compartilhar seu encanto comigo.

À Débora Dantas, a MARAVILHOSA! Você é incrível de variadas formas. Obrigado por sua amizade, por ter me ouvido e dado conselhos, por ter partilhado momentos festivos comigo, de ter me visto dançar com o coqueiro e não ter me julgado (rsrsrs). Desculpa por não ter falado coisas bacanas quando talvez você quisesse ter ouvido. Como te disse, “alegrai-vos com os que se alegram. Chorai com os que choram.” Obrigado por sua visão geográfica no meu artigo. Certamente a Paraíba ganha uma excelente geógrafa.

Ao meu irmão Wellington Pereira, presente que a vida me deu. Sua companhia, seus risos, sua ajuda, seu apoio, seu carinho, seus cafunés para eu dormir enquanto estava doente, seus xingamentos para colocar a insatisfação pra fora. Suas conversas para me ver sorrir, suas palhaçadas cênicas, seu modo de lecionar. Você é encantador! Se Criolo está certo ou não ainda não temos certeza, mas sei que você será aquele que em meio a tantos turbilhões irá dizer: “Ainda há tempo!”. Você é o bichão! Eu te amo!

Ao meu “pãe” Alexandre Araújo, sem o qual eu não teria terminado o curso carregado de sentimentos maravilhosos como estou. Aquele que acreditou em mim quando nem eu mesmo acreditava. O meu eu em outro corpo. Lembra? Sempre nos achamos muito parecidos. Quero chorar contigo nos bancos de praça da vida. Lágrimas de alegria ou de tristeza. Sua influência me faz um bem danado. O sorriso mais lindo, o abraço mais verdadeiro e a lágrima mais pura. Você é doação! Ajudar: Esse é seu propósito! E se um dia consegui te fazer bem, nem que por 10 segundos, saiba que “isto fica feliz em ser útil.” With love.

É o seguinte amiga: a bicha pode fazer um pedido? Pode?
Ai, arrasou!

Primeiramente obrigada por essa educação. Tentei falar com várias pessoas e ninguém me deu atenção, só porque sou travesti. Pior coisa do mundo, gata, é a gente não ter atenção.

Faz essa linha com a bicha, gata, que Deus vai dar em dobro pra senhora!

(Linn da Quebrada, Talento, 2016).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: ALGUNS DADOS DE VIOLÊNCIA SOBRE OS LGBT's.....	8
2 APONTAMENTOS SOBRE GÊNERO, SEXO, IDENTIDADE DE GÊNERO E TRANSEXUALIDADE.....	10
2.1 ARAÇAGI: UMA BREVE DESCRIÇÃO HISTÓRICA	15
3. CONCLUSÃO.....	22
REFERÊNCIAS	24

TRANSEXUALIDADE, TRABALHO E TRÁFICO HUMANO EM ARAÇAGI

Alex Fernandes Cavalcante

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo compreender o tráfico humano ocorrido com mulheres trans de Araçagi-PB como sendo um mercado de trabalho disponível para elas. Para tanto, foram realizadas entrevistas com duas mulheres trans que participaram do tráfico humano no início dos anos 2000 com destino a Europa. Para ampliar a compreensão do estudo, utilizamos de pesquisas bibliográficas para entender conceitos importantes sobre gênero, sexualidade e identidade sexual como também buscamos dados estatísticos sobre questões LGBT com foco nos transgêneros para situarmos as identidades trans no contexto brasileiro.

Palavras-chave: Mulheres Trans; Tráfico humano; Araçagi.

1 INTRODUÇÃO: ALGUNS DADOS DE VIOLÊNCIA SOBRE OS LGBT's

A visibilidade trans¹ é um tema que não é novo e nem de fácil aceitação para a sociedade, acarretando em uma grande e violenta transfobia². O Brasil ocupa desagradavelmente o primeiro lugar no ranking dos países que mais matam travestis e transexuais no mundo segundo pesquisa da Organização Não Governamental (ONG) TransgenderEurope (TGEU) que analisou os registros de casos datados de janeiro de 2008 à março de 2014, totalizando 604 mortes. Segundo levantamento do Grupo Gay da Bahia (GGB), associação de defesa dos homossexuais e transexuais do Brasil, mostrou que o ano de 2016 foi o ano com maior número de mortes da população LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais) registrados desde que o GGB coleta e divulga tais dados, foram 343 mortes. Segundo o mesmo relatório de 2016, a cada 25 horas uma pessoa é morta vítima de “LGBTfobia”. Assustadoramente, se comete mais homicídios contra homossexuais no Brasil do que nos 13 países do Oriente e África – no qual há pena de morte para LGBTs. Entretanto, faltam estatísticas oficiais já que o levantamento é feito através de noticiários, parentes das vítimas e outros grupos pelo Brasil que fornecem informações sobre estes crimes. Sendo assim, este grande número de mortos, infelizmente, pode ser maior.

¹ Evidenciar as pessoas transgêneras quanto sua humanidade, direitos e cidadania.

² Preconceito e/ou discriminação em função da identidade de gênero de pessoas transexuais ou travestis.

Segundo a Antra (Associação Nacional de Travestis e Transexuais)³, no ano de 2017 até o dia 20 de outubro, 148 pessoas trans foram assassinadas no país pelo ódio e intolerância. Segundo esta mesma associação, a expectativa de vida das pessoas transexuais no Brasil é de 35 anos, enquanto que em 2016, a média de expectativa de vida dos brasileiros foi de 75,5 anos segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Ou seja, a travesti ou transexual tem expectativa de vida de menos que a metade do que é comum na faixa etária brasileira de pessoas não LGBT. Comparativamente, no ano de 1940, a população brasileira tinha uma média de expectativa em torno dos 45 anos.

A cada ano aumenta o número de mortes contra as pessoas transgêneros. Segundo a ONG Antra, a cada 48 horas uma pessoa trans é assassinada no país, em sua maioria travestis ou mulheres trans. Estes dados concluem que 45% dos assassinatos de LGBT são de travestis e transexuais. Essa violência caracteriza uma fortetransfobia em nosso país, uma violência absurda que coloca o Brasil no primeiro lugar no ranking mundial de mortes de pessoas trans.

Dos 343 assassinatos de pessoas LGBT's registrados pelo Grupo Gay da Bahia no ano de 2016, 144 (42%) foram de pessoas trans (travestis e transexuais). Elas têm 14 vezes mais riscos de serem assassinadas em comparação com os gays (173 casos em 2016, totalizando 50% dos crimes contra LGBTs). Segundo dados de agências internacionais contidos no relatório de 2016 produzido pelo Grupo Gay da Bahia, mais da metade dos homicídios contra pessoas trans são cometidos no Brasil.

Partindo de entrevistas com algumas mulheres trans e travestis da cidade de Araçagi, interior da Paraíba, a fim de conhecer suas percepções da vida referente ao mercado de trabalho, buscamos entender porque popularmente se faz a associação entre prostituição com trabalho direcionado para travestis e transexuais e, desta maneira, compreender de que modo isso parece ser naturalizado pela sociedade.

Pela escassez de trabalhos sobre o tema voltado para Araçagi, que foi a cidade com maior número de travestis e transexuais da Paraíba enviadas para a Europa⁴ na primeira década do século XXI, e também motivado por crimes cometidos contra as pessoas trans – como o caso

³ ANTRABRASIL. Disponível em: <<https://www.facebook.com/antrabrasil/>>. Acesso em: 14 set. 2017.

⁴ MONTEIRO, Jaelson. *Tráfico de travestis; Araçagi é o maior exportador*. Disponível em: <<http://www.jaelsonmonteiro.com/2014/03/trafico-de-travestis-aracagi-e-o-maior.html>>. Acesso em: 14 set. 2017.

Dandara Kataryne⁵, em Fortaleza, e o assassinato do ambulante Luiz Carlos Ruas⁶ por defender uma travesti em São Paulo –, foi dado início a este artigo em busca de obter conhecimento sobre a vida das transexuais e seus desafios em encontrar trabalho formal.

Para tanto, foram realizadas leituras de autores que trabalham com o tema da sexualidade (GROSSI, 1998), gênero (BUTLER, 2003; SCOTT, 1989) e transexualidade (BENTO, 2008) como também história oral e memória e narração (THOMPSON, 1992; LE GOFF, 1990; BOSI, 1994; BENJAMIN, 1994.), e desse modo, por meio de entrevistas, compreendemos quais as motivações que levaram pessoas transexuais de Araçagi a buscar, através do tráfico humano vivenciado por elas nos anos 2000– que viajaram para a Europa para viver na prostituição, encontrando nesta uma oportunidade de trabalho – e como estas mulheres trans enxergam a questão do “tráfico humano”⁷ ao qual tiveram contato.

2 APONTAMENTOS SOBRE GÊNERO, SEXO, IDENTIDADE DE GÊNERO E TRANSEXUALIDADE

Para uma política de visibilidade e uma luta contra a transfobia é preciso entender sobre alguns conceitos. De acordo com o *Dicionário Aurélio da língua portuguesa* (2002), a palavra “gênero” significa grupo de espécies que entre si tem certa semelhança, sendo assim um conceito amplo que abrange seres ou objetos com características comuns. No artigo intitulado *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* (1995), a historiadora norte-americana Joan Scott define gênero em duas partes, dizendo que “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (p. 86). Deste modo, argumenta sobre o gênero como uma construção social que sofre influência de vários fatores, de modo que “o gênero é construído através do parentesco, mas não exclusivamente; ele é construído igualmente na economia, na organização política e, pelo menos na nossa sociedade, opera atualmente de forma amplamente independente do parentesco” (Idem, p.87).

Já a filósofa Judith Butler não só afirma que o gênero é uma construção dada determinadas intervenções culturais e manuseadas pela sociedade, como também o sexo,

⁵ G1. *Travesti Dandara foi apedrejada e morta a tiros no Ceará, diz secretário*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2017/03/apos-agressao-dandara-foi-morta-com-tiro-diz-secretario-andre-costa.html>>. Acesso em: 14 set. 2017.

⁶ PAGRAN, Rogério. *Homem que ajudou travestis no metrô trabalhava no local havia 20 anos*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/12/1844838-homem-que-ajudou-travestis-no-metro-trabalhava-ali-havia-20-anos.shtml>>. Acesso em: 14 set. 2017.

⁷ Aqui faz-se uso dasaspas de acordo com a opinião de algumas entrevistadas.

outrora visto como algo “natural” também o é uma construção. Historicizando o sexo biológico, dado como natural, Butler problematiza sobre gênero ser um aprisionamento cultural sobre o sexo, forçando uma obrigatoriedade e concordância entre sexo, gênero e desejo, abraçados por uma matriz heterossexual: “O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado”, defende Butler (2003, p. 25), “[...] tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos”. Neste sentido, sexo e gênero não estão necessariamente ligados ao ponto de o gênero manter as relações sociais baseados na diferença de sexos.

Desta maneira, os transgêneros são pessoas que foram socialmente definidas como macho ou fêmea através dos seus órgãos genitais, mas que se identificam com o sexo oposto. Por conseguinte, não é o órgão genital que define o gênero, visto que, de modo a considerar as pessoas transgêneras, um homem pode ter o órgão genital feminino (os *homenstrans*) e uma mulher pode ter o órgão genital masculino (as *mulheres trans*).

Partindo da emblemática afirmação “*On ne naît pas femme, on le devient*”⁸ contida no livro *O Segundo Sexo* (1949) da filósofa Simone de Beauvoir, Butler aponta para o fato de que “não há nada em sua explicação [de Beauvoir] que garanta que o 'ser' que se torna mulher seja necessariamente fêmea” (2003, p. 27), ou seja, que tenha nascido com o órgão genital feminino. Portanto, tornar-se mulher quebra a barreira do corpo, não sendo necessário que haja um órgão genital precursor. O filósofo Michel Foucault (1926-1984) em seu livro *História da Sexualidade* (1985), faz uma datação temporal dessa ligação entre órgão genital e gênero dizendo que “Vincular comportamento ao sexo, gênero à genitália, definindo o feminino pela presença da vagina e o masculino pelo pênis, remonta ao século XIX quando sexo passou a conter a verdade última de nós mesmos” (FOUCAULT, 1985, p. 65 APUD BENTO). Nesta obra, Foucault argumenta que o sexo está sob os holofotes, não condenado mais às obscuridades, mas sim, ligado a nossa existência vide formulários, inquéritos, receitas médicas, inscrições, etc. Nisto estamos condicionados sempre a responder a pergunta “qual seu sexo?”.

Para a compreensão do que seria papel de gênero basta associar ao conceito utilizado no teatro sobre papel de um personagem. Segundo Pavis (1999), “toda personagem de teatro realiza uma ação [...] inversamente, toda ação, para ser encenada, necessita de protagonistas (1999, p. 286. Apud MARTINS, 2011, p. 20.). Neste sentido, o papel de gênero é identificado como a ação equivalente designada ao sexo biológico fêmea ou macho. Aquele papel que cada sexo deve designar na sociedade. Entretanto, as sociedades possuem culturas diferentes e estes

⁸ Tradução nossa: Não nascemos mulheres, nos tornamos mulheres.

papéis se modificam de uma cultura para outra. De acordo com Grossi (1998), a antropóloga Margareth Mead relatou no livro *Sexo e Temperamento* (1950), que gênero é uma categoria socialmente construída, conforme ela pode perceber ao estudar três tribos de uma mesma ilha da Nova Guiné: os Arapesh, Mundugumor e Tchambuli.

Enquanto agressividade e passividade estão relacionados ao homem e a mulher, respectivamente, em nossa sociedade ocidental quase como inerente ao biológico dos dois sexos, para estas três tribos esses comportamentos eram associados de outra forma. Em uma das tribos, homens e mulheres eram cordiais e dóceis. Em outra, ambos eram violentos e agressivos. Já na próxima tribo estudada as mulheres eram aguerridas enquanto os homens eram passivos e mais caseiros. Assim sendo, é notório que papéis de gênero não são biologicamente determinados, mas sim uma construção sociocultural, passível de mutações em variadas sociedades.

Identidade de gênero diz respeito ao sentimento de identidade do sujeito. É como ele se enxerga, como se sente e vê no mundo. Para Stoller (1978), “todo indivíduo tem um núcleo de identidade de gênero, que é um conjunto de convicções pelas quais se considera socialmente o que é masculino ou feminino” (apud GROSSI, 1998, p. 28). Esse núcleo é construído socialmente a partir do momento em que os pais identificam o bebê como menino ou menina, baseado em seu órgão genital. Em seguida, dá-se o nome da criança e esperarão respostas comportamentais referente ao sexo biológico tal como está socialmente estabelecido.

O projeto de lei João Nery (PL 5002/2013) de autoria do deputado Jean Wyllys (PSOL/RJ) e da deputada Erika Kokay (PT/DF) traz o conceito de identidade de gênero disposto no Artigo 2º: “Entende-se por identidade de gênero a vivência interna e individual do gênero tal como cada pessoa o sente, a qual pode corresponder ou não com o sexo atribuído após o nascimento, incluindo a vivência pessoal do corpo”.

De acordo com o *Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos* (2012), de autoria da doutora em Psicologia Social Jaqueline Gomes de Jesus, travestis são as pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino e que gostam de serem tratadas no feminino mas que não se reconhecem como mulheres ou homens mas sim como membros de um terceiro gênero ou mesmo um não-gênero.

Nome social é o nome pelo qual as pessoas transgêneros preferem ser chamadas. É o nome pelo qual se identificam, diferente do nome civil, registrado em documentos oficiais.

Em abril de 2016 foi decretado que os órgãos e entidades de administração públicas federais deveriam, em seus procedimentos e atos, adotar o nome social dos transgêneros de

acordo com seu requerimento⁹. Entretanto, em julho de 2017, foi registrado no Diário Oficial da União, no qual permite que o nome social seja incluso no CPF do solicitante. Em destaque fica o nome social, abaixo deste, o nome civil. Contudo, o número do CPF continua o mesmo.

Em outubro de 2017, a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em apoio as pessoas transgêneros da instituição, aprovou através do conselho universitário (Consuni) uma proposta para a implantação do nome social de acordo com a identidade de gênero da pessoa vinculada a comunidade acadêmica.¹⁰ A finalidade é promover o respeito as diferenças, o conforto das pessoas que não se identificam com seu nome de registro, o acolhimento e garantir os direitos das pessoas trans.

Embora existam pessoas que não se identificam com o gênero “decretado” pela sociedade e que isto não é uma realidade provinda com a modernidade mas sim tão antiga quanto a sexualidade dos seres humanos, ainda assim a transexualidade é considerada um transtorno mental pela medicina. Catalogada como “transtorno de identidade sexual”, conforme a Classificação Internacional de Doenças CID-10 da Organização Mundial da Saúde (OMS): “São os deslocamentos do gênero em relação ao sexo biológico os definidores do transtorno, pois o gênero normal só existe quando referenciado a um sexo genital que o estabiliza” (BENTO; PELÚCIO. 2012,p, 572). Essa classificação patológica constrange e nada contribui para o bem estar dos transgêneros, de modo que são taxados de doentes e “anormais”.

Tendo por objetivo retirar as pessoas transgênero da classificação de transtornos mentais da Organização Mundial da Saúde (OMS), cientistas do México realizaram o primeiro estudo de campo que demonstra que as mudanças na identidade de gênero não são uma doença. O estudo teve sua publicação na revista médica britânica *The Lancet Psychiatry*¹¹. O estudo de campo consistiu em 260 entrevistas com adultos (maiores de 18 anos) transgêneros que recebem atenção médica na clínica especializada Condesa. Os cientistas mexicanos acreditam nos resultados positivos a fim de retirar da lista de doenças da OMS e assim diminuir o preconceito com a comunidade trans, “Se não é uma doença agora, então ocorre que nunca foi, que fique claro, não é que antes fosse uma doença e agora não é mais” (Eduardo Madrigal, presidente da Associação Mexicana de Psiquiatria.).

⁹ TOKARNIA, Mariana. *Travestis e transexuais poderão solicitar inclusão do nome social no CPF*. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-07/travestis-e-transexuais-poderao-solicitar-inclusao-do-nome-social>>. Acesso em: 14 set. 2017.

¹⁰O PIPOCO. *UEPB Aprova norma para uso de nome social de estudantes da instituição*. Disponível em: <<http://opipoco.com.br/site/paraiba/uepb-aprova-norma-para-uso-de-nome-social-de-estudantes-da-instituicao/>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

Para produção deste artigo, foram realizadas entrevistas com mulheres transexuais de Araçagi. Neste desafio, a memória se torna o agente que recorre ao acontecido e discursa no presente. Sobre memória, o *Dicionário Michaelis* (1980) apresenta a seguinte definição: “Faculdade de lembrar e conservar ideias, imagens, impressões, conhecimentos e experiências adquiridos no passado e habilidade de acessar essas informações na mente”. Pressupõe-se, então, que “lembrar” seja ato de um indivíduo que vivenciou um acontecimento, seja como ator, seja como espectador. Assim, faz-se compreensível a ideia de memória individual, na qual existe uma pessoa que presenciou algum acontecimento e que guarda em sua mente tais registros.

É o sociólogo Maurice Halbwachs quem trabalha sobre o conceito de memória individual e memória coletiva. Analisando o teórico em questão, a mestra em Memória: Linguagem e Sociedade, Luana Aparecida Matos Leal diz que

A memória individual não deixa de existir, mas esta primeira está enraizada em diferentes contextos, com a presença de diferentes participantes, e isso permite que haja uma transposição da memória de sua natureza pessoal para se converter num conjunto de acontecimentos partilhados por um grupo, passando de uma memória individual para uma memória coletiva (LEAL, 2012, p. 3).

Por conseguinte, sobre um determinado evento, as memórias individuais seriam pontos de vista de certos atores sobre a memória coletiva, e este ponto de vista está passível de mudanças de acordo com o lugar ocupado por cada indivíduo.

Levando em consideração a ideia de memória individual, na qual existe uma pessoa que presenciou algum acontecimento e que esse acontecimento pode ser partilhado, portanto, narrado, Walter Benjamin diz que “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (1994, p. 201). Esse narrador relata aquilo que presenciou ou participou. A experiência será sua fonte. E, após o relato ser feito, o narrador repassa sua memória individual para outros.

Ainda sobre memória, o historiador francês Jacques Le Goff (1990) diz que “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (p. 477).

É nesta identidade que as entrevistas com as mulheres trans pretendem ganhar espaço social, pois como escreve Thompson (1992, p. 32-33) “por meio da entrevista, ocorre um rompimento entre a instituição educacional e o mundo, e entre o profissional e o público comum” (Apud MENEGOLO, 2006, p. 04). É sobre esta história oral que Thompson define

como “[...] a interpretação da história e das sociedades e culturas em processo de transformação, por intermédio da escuta às pessoas e do registro das histórias de suas vidas” (Idem).

Entretanto, através da memória não revivemos o passado exatamente como aconteceu. Faz-se uma reconstrução dos acontecimentos, pois “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento” (BOSI, 1994, p.39). E esta memória “procura salvar o passado para servir o presente e o futuro” (LE GOFF, 1990, p. 477), sendo assim, a memória é individual e construída.

Trabalhar a transexualidade em história oral se configura muito importante pelo seu caráter interpessoal, de escuta do outro e por se tratar de um tema excluído da sociedade. Sobre os temas a serem abordados pela história oral, Thompson (1992) diz que um dos temas fundamentais é o das vozes ocultas, aquelas que, exatamente pela exclusão a qual estão submetidas, são mal documentadas.

2.1 ARAÇAGI: UMA BREVE DESCRIÇÃO HISTÓRICA

Localizado na microrregião de Guarabira, Araçagi é uma pequena cidade do interior da Paraíba, no Nordeste do Brasil. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2016 foi estimada em 17.061 habitantes. Cidade tipicamente conhecida como matuta, Araçagi tem 58 anos de emancipação política. Entretanto, sua origem remonta a meados do século XVIII quando a região servia de pousada para os mercadores e tangerinos de gado que praticavam o comércio entre Mamanguape, que, na época, era conhecida como Monte-Mor, Marí e os sertões da então província da Paraíba. Suas principais culturas agrícolas são a mandioca, a cana de açúcar, o milho, o feijão e o abacaxi, sendo este último, importante exportação para o sudeste brasileiro.

Araçagi faz divisa com Guarabira, cidade geográfica e comercialmente importante. Esta é intitulada de "Rainha do Brejo" por ser a principal cidade-polo da microrregião de Guarabira, entretanto possui grande influência política e econômica no brejo paraibano. Guarabira está localizado em uma região em que polariza mais de 30 cidades, dentre elas, Araçagi. O que causa certa dependência para com este pólo, fazendo com que jovens e adultos, não encontrando trabalhos formais na sua cidade, busquem alternativas em Guarabira, quando não ao sudeste brasileiro, como as capitais Rio de Janeiro e São Paulo¹². De igual modo é o que impulsionou

¹² PAUL, Gustavo. *Migração do Nordeste para o Sudeste aumentou nos últimos anos*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/migracao-do-nordeste-para-sudeste-aumentou-nos-ultimos-anos-2964176>>. Acesso em: 14 set. 2017.

as mulheres trans de Araçagi, pois como disse Allany “[...] a falta de oportunidade impulsiona [...] e sei que vivendo aí (Araçagi) eu não teria alcançado o que sempre almejei”.¹³ É na busca de melhores condições financeiras e de realização pessoal que erguem a cabeça e enfrentam o mundo longe dos familiares.

Araçagi ficou nacionalmente conhecida após um esquema de tráfico humano internacional ser denunciado e desfeito pelo Ministério Público e Polícia Federal na primeira década do ano 2000. Embora a ação tenha sido realizada em toda a Paraíba a fim de desfazer as rotas de tráfico humano, Araçagi ganhou destaque pois, segundo o promotor de justiça Marinho Mendes, dos cem (100) casos sabidos à época, quarenta (40) eram referentes a araçagienses¹⁴, sendo assim, a cidade na Paraíba com o maior número de vítimas do tráfico humano internacional.

Segundo as denúncias realizadas, o tráfico era feito por aliciamento, com promessa de obterem muitos lucros e conseguirem estabilidade financeira. Assim, as jovens eram levadas para a Europa, com documentação, viagem, estadia e transformação corporal por conta dos aliciadores. Deste modo, as jovens já viajavam contraindo dívidas muito altas, acima do valor exato que tal viagem ocasionou, tendo a pressão do pagamento sempre sob ameaças, agressões físicas e exploração durante a permanência no país ao qual foi enviada, geralmente Itália, onde a chefe do esquema de tráfico humano possuía residências para receber as brasileiras aliciadas.

De acordo com o Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional relativo à Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas, em especial de Mulheres e Crianças, o tráfico humano é caracterizado como:

O recrutamento, o transporte, a transferência, o alojamento ou acolhimento de pessoas, recorrendo à ameaça ou uso da força ou outras formas de coação, ao rapto, à fraude, ao engano, ao abuso de autoridade ou à situação de vulnerabilidade ou à entrega ou aceitação de pagamentos ou benefícios para obter o consentimento de uma pessoa que tenha autoridade sobre outra para fins de exploração (CASTILHO, 2007 p.13).

Entretanto, mesmo com o conhecimento disto, as entrevistadas não olham com esta ótica para o que foi vivido por elas.

Este artigo utilizou de três (02) entrevistas realizadas com duas (02) mulheres transexuais. As entrevistas tiveram por guia um questionário, o qual está em anexo neste

¹³ Mulher trans entrevistada pelo autor. Esta será apresentada em seguida. Entrevista ao autor em 12 abr. 2017.

¹⁴PARAÍBA.COM. *Tráfico humano já levou mais de 100 rapazes da Paraíba para a Europa, revela promotor*. Disponível em: <<http://www.paraiba.com.br/2013/04/05/88525-traffic-humano-ja-levou-mais-de-40-rapazes-de-aracagi-para-a-italia-revela-promotor>>. Acesso em: 14 set. 2017.

documento, e seguiram de modo mas livre, acompanhando o conforto das entrevistadas em relação aos temas abordados. Por discernimento dos idealizadores deste artigo em conformidade com as entrevistadas os nomes das pessoas trans aqui expostas foram alteradas com intuito de preservar suas identidades, neste caso, usamos nomes fictícios para elas, as quais foram de total acordo.

A entrevista realizada com Allany (26) foi realizada via *Facebook* na noite de 12 de abril de 2017, pois ela estava na Itália, na ocasião tinha ido a passeio. Segundo ela, conhecer a “tão falada Roma”; A entrevista com Eleonora Mikonos (27) foi feita em sua residência, em uma cidade do litoral da Paraíba, durante a tarde de 17 de outubro de 2017.

As entrevistas foram realizadas ao longo do ano de 2017. As três entrevistadas possuem ligação direta com Araçagi, sendo apenas a Eleonora Mikonos a única não nascida em Araçagi, porém parte da sua juventude foi vivida na cidade de Araçagi, na qual recebeu a proposta de viajar para a Europa. As duas entrevistadas moram em outras cidades e visitam a cidade de Araçagi para rever a família. As entrevistadas se colocaram à disposição e disseram estar confortáveis com a entrevista.

A entrevistada Allany, mulher trans de 26 anos, graduanda em Direito e que trabalha como acompanhante em Curitiba-PR, em relação ao tráfico humano disse que “Na verdade não era um tráfico, digamos que era uma troca de favores. Porque se muitas obtêm algo para sobreviver hoje foi porque outras lhe deram oportunidades”.¹⁵ Então, mesmo com o conhecimento que o curso de Direito tem lhe dado, ela não percebe este “tráfico humano”, talvez por soar um termo pesado demais ou pela realidade que ela viveu ser diferente do que foi definido no parágrafo acima, por não ter ocorrido “uso da força” mas sim uma livre disposição, diante da “oportunidade” dada naquela ocasião.

Eleonora Mikonos, mulher trans de 27 anos, fala sobre sua ida à Europa relatando que

A única opção que eu tive, quer dizer, não tendo terminado os estudos, não tendo...porque você sabe, um emprego pra uma gay já é difícil e pra uma trans é praticamente impossível, muito raro. A única opção era ir para a Itália, se prostituir. Não tem outra coisa pra fazer, eu vou enfrentar essa, bora lá!¹⁶

Vê-se que o caminho da prostituição para as mulheres trans é, muitas vezes, encarado como a única saída visível por elas por verem todas as outras portas sendo fechadas. Perguntada sobre este caminho Eleonora disse

¹⁵ Entrevista ao autor em 12 abr. 2017.

¹⁶ Entrevista ao autor em 17 out. 2017.

Nunca quis. Nunca foi meu sonho ir para a Itália. Eu nunca me vi me prostituindo e até hoje ainda não me vejo. Eu até digo pras meninas: eu até volto a me prostituir um dia, se realmente necessário, se por um castigo de Deus, mas de livre e espontânea vontade de ir pra vida de prostituição, não.¹⁷

Ao entrevistar as mulheres trans citadas neste artigo fica perceptível que a busca pela prostituição não é uma busca pessoal mas muitas vezes o único meio de sobrevivência para conseguir o que comer e o que vestir. Muito também por fruto de uma violência verbal e psicológica, pois “também é sabido que a prostituição é uma das poucas saídas diante da exclusão no mercado de trabalho e do preconceito que tem início ainda na escola.” (NOGUEIRA; LEÓN. 2012, p.60). É “uma alternativa em busca da afirmação de uma identidade rejeitada”. (SMITH. 2012, p. 95) Neste sentido, Allany relata: “como cresci ouvindo que só servimos para isso (ato sexual) fui em busca do que facilitava minha transformação e que me ajudava a poder existir. Mesmo que trabalhando assim, era uma forma de ganhar a vida”¹⁸.

Com este entendimento, a Dr^a em Direito Andreza Smith (2012), abordando sobre o tráfico de travestis e transexuais para a exploração sexual, diz que

[...] é preciso atentar para o fato de que as trans encontram-se vulneráveis ao tráfico, principalmente na juventude, quando talvez ainda não possuam maturidade suficiente para analisar as promessas e vantagens que lhes são oferecidas, mesmo quando tem consciência das propostas de lucro no exercício da prostituição. E na vida adulta, o desejo de modificarem seus corpos em busca da identidade de gênero identificada para que consigam fazer parte do conjugado social e as dificuldades impostas por não serem consideradas pessoas “normais” igualmente as vulnerabilizam (p. 104).

Conquanto, é importante pontuar que a prostituição na vida das pessoas trans não é uma fatalidade e vai depender bastante das relações que cada indivíduo tem com o mundo. Apoio familiar, respeito no ambiente escolar, posição econômica, grau de escolaridade, entre outros, são fatores que influenciam nas decisões tomadas pelas transexuais. Todavia, é sabido pelos dados coletados por ONG's que o preconceito e a discriminação têm levado a enorme maioria das mulheres trans à marginalidade das ruas no trabalho sexual.

Em 2014, o Ministério Público do Trabalho e a Polícia Federal estavam investigando mais duas rotas de tráfico humano e de trabalho escravo. Próximo ao 1º Seminário Internacional da Diversidade Sexual – Cidadania e Direitos realizado em João Pessoa-PB em 2014, o Procurador do trabalho Eduardo Varandas, que foi coordenador estadual de combate ao trabalho escravo, disse que “Para as travestis que assumem a identidade de gênero do sexo oposto ao biológico, o mercado

¹⁷ Entrevista ao autor em 17 out. 2017.

¹⁸ Entrevista ao autor em 12 abr. 2017.

se fecha completamente. Por isso, a prostituição e trabalhos ditos femininos, como os de estética, são as únicas opções”¹⁹ Nesta linha, o procurador defende que no Brasil se faz necessário políticas públicas de inclusão.

Na busca por emprego, pessoas LGBT’s encontram dificuldade por questões de gênero em empresas mesmo que a Constituição Federal proíba diferenças nos critérios de contratação em função de sexo, idade, raça, disposto no artigo 7, inciso XXX. No artigo 373-A da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) há a proibição de certas práticas discriminatórias como “publicar uma oferta de emprego em que haja referência ao sexo, à idade, à cor ou a situação familiar” e também “recusar emprego, promoção ou demitir trabalhadores em razão de sexo, idade, cor, situação familiar ou gravidez”.²⁰ Vale lembrar que a palavra sexo faz referência ao biológico, já discutido neste artigo.

Contudo, na prática, o que ocorre é uma discriminação por conta da orientação sexual de quem procura o emprego. Em uma pesquisa realizada pela Elancers, empresa de sistemas de recrutamento e seleção, com cerca de 10 mil empresas, mostrou que 1 em cada 5 não contrataria homossexuais para determinados cargos, o que resultou em uma porcentagem de 11%.

Segundo o site G1, Cezar Tegon, presidente da Elancers, afirmou que “Quando 11% dizem que não contratariam homossexuais para determinados cargos, eles se referem essencialmente a cargos executivos que, via de regra, representam a empresa em público”. E acrescentou: “o fato é que algumas empresas estão sim preocupadas com a sexualidade de seus empregados”²¹. Fica percebido assim que, relacionar a imagem da empresa com a de um profissional homossexual é visto como negativo por parte de alguns dirigentes empresariais. O que propicia mais exclusão social.

Não existe, no Brasil, uma legislação específica que garanta espaço no mercado de trabalho para transexuais e travestis, o que ocorre são iniciativas pontuais por parte de algumas empresas mas nada muito expressivo. Em 2013 foi criado o Fórum de Empresas e Direitos LGBT, recebendo apoio da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Organização Internacional do Trabalho (OIT) com intuito de reunir empresas para promover os direitos humanos das pessoas LGBT’s no ambiente de trabalho. Entretanto, ações como a da IBM

¹⁹ G1. *MPT e PF investigam rotas de tráfico de travestis da Paraíba para o exterior*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2014/11/mpt-e-pf-investigam-rotas-de-traffic-de-travestis-da-paraiba-para-o-exterior.html>>. Acesso em: 14 set. 2017.

²⁰ MEU SALÁRIO. *Discriminação, trabalho. Igualdade nas Condições de Trabalho*. Disponível em: <<http://meusalario.uol.com.br/main/trabalho-decente/tratamento-justo>>. Acesso em: 14 set. 2017.

²¹ G1. *1 em cada 5 empresas não contrataria homossexuais, diz estudo*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/concursos-e-emprego/noticia/2015/05/1-em-cada-5-empresas-nao-contrataria-homossexuais-diz-estudo.html>>. Acesso em: 14 set. 2017.

(International Business Machine) e Google, como empresas internacionais, é que tem mais se engajado no país.

Existem barreiras que impedem que pessoas que vivem sua sexualidade diferente da heteronormatividade²² possam ser empregados. Uma dessas barreiras é o baixo nível de escolaridade, fator que tem correlação posteriormente com a busca e obtenção de emprego no mercado de trabalho. De acordo com os dados da Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil (2016), com um relatório elaborado pela Secretaria de Educação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT) 58,9% dos entrevistados faltaram às aulas pelo menos uma vez no último mês (outubro de 2016) por sofrerem agressões verbais frequentemente ou quase sempre por causa da orientação sexual.²³

Direcionando o olhar para as pessoas transgêneras, segundo o presidente da Comissão de Diversidade Sexual da Ordem dos Advogados do Brasil e membro do Conselho Municipal de LGBT em Cuiabá, João Paulo Carvalho Dias, o Brasil possui 82% da evasão escolar de transexuais e travestis do ensino médio entre 14 e 18 anos segundo dados da Rede Nacional de Pessoas Trans do Brasil (RedeTrans) ocasionado pela não aceitação, discriminação, falta de apoio familiar e ausência de política inclusiva que faz com que este público evada para a prostituição, trabalho clandestino e desemprego.²⁴

Eleonora está inclusa no que se refere à evasão escolar, ela relatou que foi vítima de preconceito na escola onde fala que “sofri muito bullying no colégio. De jogarem manga, copo, tudo isso, já soltaram uma bomba comigo dentro do banheiro. Eu não suportei, então a fraca fui eu por não ter dado continuidade. Eu poderia hoje estar formada”²⁵ e termina a frase com um sentimento de culpa por ter desistido enquanto cursava o ensino médio. Explicando também que isto impulsionou sua viagem para a Itália pois se viu na rua, sem escolaridade completa, com discriminação familiar e sem perspectiva de emprego.

Raissa Turci, em seu Trabalho de Conclusão de Curso sobre a vida de travestis e transexuais em Florianópolis, traz em seu relatório um dado do projeto TRANSpondo Barreiras que expõe que apenas 5,73% das mulheres transexuais declarou trabalhar com carteira assinada. Com dificuldades de encontrar emprego, as mulheres trans se encontram marginalizadas e

²²A prática e as instituições que legitimam a heterossexualidade e os relacionamentos heterossexuais como fundamentais e naturais dentro da sociedade.

²³EBC AGÊNCIA BRASIL. *Mais de um terço de alunos LGBT sofreram agressão física na escola, diz pesquisa*. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-11/mais-de-um-terco-de-estudantes-lgbt-ja-foram-agredidos-fisicamente-diz>>. Acesso em 14 set. 2017.

²⁴EBC AGÊNCIA BRASIL. *Visibilidade trans: a realidade do mercado de trabalho para transexuais*. Disponível em: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/estacaoplural/post/visibilidade-trans-a-realidade-do-mercado-de-trabalho-para-transexuais>>. Acesso em: 14 set. 2017.

²⁵Entrevista ao autor em 17 out. de 2017.

não encontram emprego em outro local que não seja o que a sociedade já reservou, de forma estigmatizada, a elas: a “pista” de prostituição, onde, de acordo com estimativa da Antra (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), 90% das trans brasileiras trabalham (TURCI, 2015, p.21).

Foi também o que disse a Allany quando falamos sobre emprego. Ela relatou que saiu de Araçagi aos 18 anos para Curitiba-PR, com trabalho certo que era “o mercado da prostituição, que é o trabalho imposto pela sociedade a 99% das transexuais”. E continuou: “oportunidade essa que a sociedade hoje em dia ainda insiste em nos negar e nos jogar pra trás das cortinas e nos empurrar para a escuridão da noite”.²⁶

Esta busca por trabalho, impulsionada por uma sociedade capitalista em que o ser humano precisa ter (ter emprego, ter imóveis, automóveis) e pela necessidade física (o que comer, o que beber) que são direitos sociais expostos no art. 6º da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, no qual diz que “são direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados” mas que não são garantidos para milhares de pessoas no país²⁷ é que faz com que mulheres trans e travestis lutem pela sobrevivência no mercado da prostituição e que muitas vezes leva o nome de “vida fácil”, termo que é refutado por Eleonora que relata sobre o que viveu

Eu sei o que as meninas passam, eu já fui prostituta, já sei. Eu sei o que todo mundo passa lá. Não é mole assim não. Lá é muito doloroso. Já colocaram arma na minha cabeça. Amigas minhas eu já perdi umas 10 só nos 6 anos que eu tô aqui (Brasil), ou mais, só porque eu já vi no Facebook. E aquelas que não são postadas no Facebook?²⁸

Assim, completa dizendo que muitas morrem atropeladas, em brigas, vítimas de clientes ou por terem se envolvido com as drogas.

Quando perguntada sobre haver diferença entre ser prostituta no Brasil e na Europa, Eleonora disse que sim.

²⁶Entrevista ao autor em 12 abr. 2017.

²⁷EBC AGÊNCIA BRASIL.IBGE: *Total de desempregados cresce e atinge 14,2 milhões*. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2017-04/ibge-total-de-desempregados-cresce-e-atinge-142-milhoes>>. Acesso em: 14 set. 2017.

ISTO É. *Mais de 7 milhões de pessoas ainda passam fome no Brasil, mostra IBGE*. Disponível em: <https://istoe.com.br/397357_MAI+DE+7+MILHOES+DE+PESSOAS+AINDA+PASSAM+FOME+NO+BRASIL+MOSTRA+IBGE/>. Acesso em: 14 set. 2017.

IPEA. *Pesquisa estima que o Brasil tem 101 mil moradores de rua*. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=29303>. Acesso em: 14 set. 2017.

²⁸Entrevista ao autor em 17 out. 2017.

Aqui eu nunca me prostitui não, mas tem relatos de amigas que, aqui, não é bem legal não. Eles tratam como se fosse um pedaço de carne, que é do jeito que eles quiserem. Na Europa não. Claro, acontecem casos, já fui assaltada várias vezes por clientes, mas o tratamento em si, comparado com aqui é bem tranquilo lá. Sempre fui bem respeitada.²⁹

Desse modo, a vida na prostituição mesmo sendo perigosa em qualquer lugar, ainda se torna menos difícil na Europa, que segundo Eleonora, as pessoas são menos preconceituosas.

É exatamente por ser menos preconceituosa que Eleonora diz ser mais fácil arranjar um emprego formal na Europa do que no Brasil. “Com certeza! Porque lá, por exemplo, cuidador de idoso. Você pode encontrar emprego. Eles assinam tua carteira, se você é clandestino, não tem documento, eles arrumam pra você... Eu digo na Suíça, onde morei um bom tempo, mas na Itália também”.³⁰ Pode-se dizer que a prostituição é uma porta para sair do Brasil e estando na Europa a prostituição é uma porta para sair dela e encontrar um emprego formal. Entretanto isto não ocorre em grande número pois como disse Eleonora “A vida de prostituta gera uma grana legal”³¹ e Allany comenta: “a prostituição ou ela te ajuda ou ela te derruba. Cabe a você saber manejar o barco”.³² Daí a prostituição na Europa ser mais atrativa, tendo rotas de tráfico humano ainda ativas, porém com menor demanda, explicado pelas entrevistadas pelo mercado ter mudado um pouco e pelo número de trans e travestis brasileiras na Europa terem aumentado.

3. CONCLUSÃO

Ao observar os dados que permeiam a comunidade trans nota-se que sua grande maioria é abordada em um contexto negativo. Se fizermos uma pesquisa rápida no Google³³ pelos termos *travesti* e/ou *transsexual* encontraremos nas duas primeiras páginas (contendo 10 resultados em cada página) 13 resultados envolvendo violência contra as pessoas trans. Os outros 7 resultados envolvem conceitos e diferenças dos termos na comunidade LGBT e eventos com algum foco na diversidade transgênero. Nota-se que a violência física, verbal ou psicológica é fortemente uma barreira encontrada pelas pessoas trans e que são expressas pelas matérias encontradas nas mídias da internet. Entretanto tem aumentado a visibilidade trans (a

²⁹Entrevista ao autor em 17 out. 2017.

³⁰Entrevista ao autor em 17 out. 2017.

³¹Entrevista ao autor em 17 out. 2017.

³²Entrevista ao autor em 12 abr. 2017.

³³Empresa multinacional de serviços online e software fundada por Larry Page e Sergey Brin. O Google hospeda e desenvolve uma série de serviços e produtos, dentre eles organizar a informação mundial e torná-la universalmente acessível.

passos lentos, de fato) na sociedade, evidenciado pelos resultados que o google dá quando a busca é feita pelos termos travesti e transexual.

Estas vítimas expostas a tamanha violência se encontram em sua maioria nas ruas das cidades trabalhando com a prostituição para assim conseguirem dinheiro para sobreviverem. Devido ao baixo grau de escolaridade, por terem saído da escola geralmente na adolescência por sofrerem discriminação por parte dos colegas e dos profissionais que demonstravam preconceito, as mulheres trans não encontram trabalho formal, tanto por não terem profissão formal, tanto por não serem empregadas devido suas identidades. Assim, elas encontram na prostituição um caminho para a sobrevivência.

Compondo este cenário, as mulheres trans de Araçagi viram no tráfico humano para a Europa um mercado de trabalho que possibilitaria suas realizações pessoais. Físicas, na transformação do corpo, e econômicas, na aquisição de bens materiais como casas, carros, etc.

Essas mulheres trans não enxergam o tráfico humano que participaram como um crime, embora reconheçam que participaram de algo ilegal. Elas enxergam que foi uma oportunidade de sobrevivência, e através dela, de existência, no qual as que foram primeiro para a Europa, ajudavam as outras a chegarem até lá e, mesmo que pagando às primeiras como um “empréstimo”, posteriormente elas tinham a oportunidade de obterem lucro com seus trabalhos e assim conseguem possuir e usufruir de seus bens. Era o mercado de trabalho que se abria e que, se hoje muitas de Araçagi têm visibilidade, segundo as entrevistadas, se deve pela ascensão social que elas conseguiram através do trabalho difícil, das violências sofridas nas ruas, do medo a cada cliente desconhecido, nas noites frias das cidades europeias.

TRANSEXUALITY, LABOR AND HUMAN TRAFFICKING IN ARAÇAGI

ABSTRACT

The objective of this article is to understand the human trafficking that occurred in Araçagi-PB with trans women as a labor market available to them. For this purpose, interviews were conducted with two trans women who participated in human trafficking in the early 2000's to Europe. In order to broaden the understanding of the study, we used bibliographical research to understand important concepts about gender, sexuality and sexual identity, as well as statistical data on LGBT issues with a focus on transgenders to situate the trans identities in the Brazilian context.

Key words: Trans women; Human trafficking; Araçagi

REFERÊNCIAS

AURÉLIO. *O mini dicionário da língua portuguesa*. 4ª edição revista e ampliada do mini dicionário Aurélio. 7ª impressão. Rio de Janeiro, 2002.

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BENTO, Berenice Alves de Melo. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008. (Coleção Primeiros Passos).

BENTO, Berenice; PELÚCIA, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. In: **Rev. Estud. Fem.** vol.20 no.2 Florianópolis May/Aug. 2012

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança dos velhos**. 3. Ed. São Paulo. Companhia das Letras, 1994.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GROSSI, Miriam. Identidade de Gênero e Sexualidade. In: **Antropologia em Primeira Mão**, n. 24, PPGAS/UFSC, Florianópolis, 1998. (revisado em 2010).

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão [et al]. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).

LEAL, Luana Aparecida Matos. **Memória, rememoração e lembrança em Maurice Halbwachs**. São Paulo: Linguagem, 2012.

MARTINS, Fernando. **Teatro, Técnica, Desejo: Aproximações ao Conceito de Personagem**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade de Brasília/UnB. 2011.

MENEGOLO, Elizabeth D. da C. W.; CARDOSO, Cancionila J.; Menegolo, Leandro Wallace. O uso da história oral como instrumento de pesquisa sobre o ensino da produção textual. In: **Ciência & Cognição**, Vol. 09, 2006, p. 02-13.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. Política Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas. Brasília. 2007.

NOGUEIRA, Francisco Jander de Sousa; LEÓN, Adriano Gomes de. “Trabalhadas no feminino”: um estudo sobre corpo, desejo e prostituição travesti em Fortaleza-CE. **Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad**. N°8. Año 4. Abril-julho de 2012. Argentina. ISSN: 1852-8759. Pp. 55-67.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n° 2, jul./dez. 1995.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. New York: Columbia University Press, 1989.

SMITH, Andreza do Socorro Pantoja de Oliveira. O Tráfico de travestis e transexuais para a exploração sexual: o gênero como categoria de análise e as violações de direitos humanos. **Segurança, Justiça e Cidadania** – Pesquisas Aplicadas em Segurança Pública, v. 1, p. 91-108, 2014.

TURCI, Raíssa Lebrão Rodrigues de Oliveira. **Ser trans**: A vida de travestis e transexuais em Florianópolis. Relatório técnico do Trabalho de Conclusão de Curso. UFSC, 2015.

REFERÊNCIAS DA WEB

AMARAL, Ana Luísa. **Simone de Beauvoir Ninguém nasce mulher, torna-se mulher**. Disponível em: <<https://www.publico.pt/temas/jornal/simone-de-beauvoir-ninguem-nasce-mulher-tornase-mulher-244344>>. Acesso em: 23 ago. 2017.

AYER, Flávia; BOTTREL, Fred. **Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais**. Disponível em: <<http://www.em.com.br/app/noticia/especiais/dandara/2017/03/09/noticia-especial-dandara,852965/brasil-e-pais-que-mais-mata-travestis-e-transexuais.shtml>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

BELLINI, Priscila. **O recorde que não queremos ter: somos o país que mais mata transexuais**. Disponível em: <http://super.abril.com.br/comportamento/o-recorde-que-nao-queremos-ter-somos-o-pais-que-mais-mata-transexuais/>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa. **Despatologização do gênero**: a politização das identidades abjetas. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2012000200017>. Acesso em: 23 ago. 2017.

CAZARRÉ, Marieta. **Com 600 mortes em seis anos, o Brasil é o que mais mata travestis e transexuais**. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-11/com-600-mortes-em-seis-anos-brasil-e-o-que-mais-mata-travestis-e>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

G1. **Vídeo mostra ambulante sendo espancado até a morte no metrô de SP**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/video-mostra-ambulante-sendo-espancado-ate-a-morte-no-metro-de-sp.ghtml>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre a população transgênero**: conceitos e termos. Brasília, 2012. Disponível em: <https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTAÇÕES_POPULAÇÃO_TRANS.pdf?1334065989>. Acesso em: 23 ago. 2017.

LEMOS, Andrey Roosevelt Chagas. BALBI, Danieli. **Dia Nacional da Visibilidade Trans: o que temos a ver com isso?** Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/292643-8>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

MOTT, Luiz; MICHELS, Eduardo; Paulinho. *GGB. Assassinatos de LGBT no Brasil: Relatório 2016*. Disponível em:

<<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/01/relatc3b3rio-2016-ps.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

O GLOBO. **Estudo prova que transexualidade não é transtorno psiquiátrico**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/estudo-prova-que-transexualidade-nao-transtorno-psiquiatrico-19805459>>. Acesso em: 23 ago. 2017.

RODRIGUES, Carla. **Butler e a desconstrução do gênero**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000100012>. Acesso em: 01 mai. 2017.

SENKEVICS, Adriano. **O conceito de gênero por Judith Butler**: a questão da performatividade. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/o-conceito-de-genero-por-judith-butler-a-questao-da-performatividade/#gs.qMSTXxQ>>. Acesso em: 01 mai. 2017.

SIGNIFICADO DE PRECURSOR. In: **Dicionário Aurélio de português online**. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/precursor>>. Acesso em: 23 ago. 2017.

SIMONE DE BEAUVOIR. In: **Vermelho**. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/233425-8-simone-de-beauvoir>>. Acesso em: 23 ago. 2017.

TERMO DE CESSÃO

CEDENTE: Ayslla da Silva Oliveira

Nascida em: Guarabira-PB

a: 25 / 07 / 1990

De estado civil: Solteira

Domiciliada em: Curitiba-PR

De profissão: Acompanhante

E endereço profissional:

CESSIONÁRIO: ALEX FERNANDES CAVALCANTE, pesquisador do projeto: "Transexualidade, Trabalho e Tráfico Humano em Araçagi".

OBJETO: Entrevista gravada.

DO USO: Declaro ceder ao pesquisador acima citado, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental, realizada na cidade de Araçagi-PB em 12 / 04 / 2017 num total de 01 hora e 10 minutos. O pesquisador fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais e acadêmicos, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, a partir de trabalhos, bem como permitir a terceiros/as o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo suas normas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Araçagi

21 de Novembro de 2017

Ayslla da Silva Oliveira

Assinatura da depoente/cedente

TERMO DE CESSÃO

CEDENTE: Mikaella Bugmam

Nascida em: Guarabira – PB

a: 03 / 05 / 1989

De estado civil: Solteira

Domiciliada em: Baía da Traição - PB

De profissão: Comerciante

E endereço profissional:

CESSIONÁRIO: ALEX FERNANDES CAVALCANTE, pesquisador do projeto: “Transexualidade, Trabalho e Tráfico Humano em Araçagi”.

OBJETO: Entrevista gravada.

DO USO: Declaro ceder ao pesquisador acima citado, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental, realizada na cidade de Araçagi - PB em 17 / 10 / 2017 num total de 2 horas e 00 minutos. O pesquisador fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais e acadêmicos, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, a partir de trabalhos, bem como permitir a terceiros/as o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo suas normas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Araçagi - PB, 11 de dezembro de 2017

A photograph of a handwritten signature in blue ink on a light-colored surface. The signature is written in a cursive style and reads 'Mikaella Bugmam'. The signature is split across two adjacent rectangular pieces of paper.

Assinatura da depoente/cedente